

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: AS EXPERIÊNCIAS
PRÁTICAS DO PIBID EM ESCOLA REGULAR**

Emília Almeida Tavares¹

RESUMO

Este trabalho busca analisar como o subprojeto interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) contribuiu para o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita e na condição de segunda língua para pessoas surdas. O PIBID interdisciplinar atuou com bolsistas do curso de letras português e letras libras da UFERSA em uma escola estadual na cidade de Apodi/RN onde estudam duas alunas surdas, no ano de 2023 em período de 11 meses. A pesquisa teve como objetivo analisar a aprendizagem da língua portuguesa por alunos surdos, quais são os métodos necessários para a aprendizagem bilíngue e as contribuições do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) nesta forma específica de aprendizagem. Para isto utilizamos como referencial teórico Pereira (2014), Pinto (2011), Ambrosetti et al. (2013) através dos conceitos principais de bilinguismo e aprendizagem de língua portuguesa, além da definição das finalidades do PIBID enquanto programa de iniciação à docência. Nosso problema de pesquisa foi, portanto, compreender como acontece a aprendizagem de língua portuguesa por pessoas com surdez e quais as estratégias de ensino que professores de língua portuguesa podem utilizar ao ensinar pessoas que utilizam libras. Entrevistamos a professora e intérprete de libras da escola e a aluna surda que ingressa no ensino médio para compreender este problema. Concluímos destacando a importância do PIBID para as escolas públicas brasileiras, sua contribuição ao trabalho do professor em sala de aula regular, o evidente aprendizado que confere aos bolsistas que participam do programa e o indispensável aprendizado da língua portuguesa por aqueles que utilizam outra língua como primeiro idioma.

Palavras-chave: PIBID; Bilinguismo; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This present study aims to analyze how the interdisciplinary subproject of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID) contributed to the teaching of Portuguese in its written form and as a second language for deaf individuals. The interdisciplinary PIBID engaged scholarship holders from the Portuguese and Brazilian Sign Language (Libras) courses of UFERSA as well as in a school in the city of Apodi/RN, where two deaf students are enrolled.

¹ Aluna do curso de letras língua portuguesa da UFERSA. Contato: emiliatavares8@gmail.com

The research aimed to understand the learning process of written Portuguese by deaf individuals and the methodological strategies for teaching it in regular classrooms. For this purpose, it was used the theoretical framework of Pereira (2014), Pinto (2011), Ambrosetti et al. (2013), focusing on key concepts of bilingualism and Portuguese language learning, in addition to defining the objectives of PIBID as a teaching initiation program. Therefore, our research question was to understand how deaf individuals learn Portuguese and what teaching strategies Portuguese language teachers can employ when teaching students who use the Brazilian Sign Language. It was interviewed the school's Libras teacher who is also an interpreter, besides a deaf student entering high school, to address this issue. We concluded by highlighting the importance of PIBID for Brazilian public schools, its contribution to teachers' work in regular classrooms, the obvious learning that it provides to scholarship holders who participate in the program and the essential learning of the Portuguese language by those who use another language as their first language.

KEY WORDS: PIBID; Bilingualism; Portuguese Language.

1 INTRODUÇÃO

Ao observar alunas surdas na instituição Escolar Estadual Professor Antônio Dantas onde participei na condição de bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação à docência, daqui por diante tratado apenas por PIBID, surgiu o interesse em conhecer mais profundamente sobre como acontece a aprendizagem da língua portuguesa por pessoas surdas e quais as estratégias de ensino que podem ser utilizadas para melhorar esta aprendizagem. A libras, primeira língua do surdo (L1) é uma língua visual, espacial, que necessita que a pessoa com surdez esteja inserida e participando em uma comunidade que utiliza libras para melhor desenvolver sua aprendizagem e compreensão do mundo. A educação de pessoas surdas no Brasil é um campo de estudo com profundas implicações sociais e linguísticas. Desde a oficialização da LIBRAS como a segunda língua oficial do país por meio da Lei 10.436/2002, o Brasil deu passos importantes para assegurar a inclusão linguística e educacional da população surda. No entanto, apesar dos avanços legais, a realidade educacional para muitos alunos surdos ainda apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação bilíngue, que pressupõe o uso da LIBRAS como língua de instrução e o ensino da língua portuguesa como segunda língua.

A educação bilíngue é vista como um modelo pedagógico essencial para garantir o desenvolvimento cognitivo e acadêmico adequado para pessoas surdas. Este modelo defende que a LIBRAS deve ser a primeira língua, ou L1, enquanto o português escrito deve ser ensinado como segunda língua (L2). Isso se justifica pela necessidade de a pessoa surda ter uma língua completamente acessível para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e cognitivas desde a primeira infância.

No que diz respeito à aprendizagem, a aquisição da LIBRAS desde os primeiros anos de vida tem impactos diretos no desenvolvimento cognitivo e acadêmico de crianças surdas. A exposição precoce a uma língua visual-espacial permite que essas crianças desenvolvam as mesmas habilidades linguísticas e cognitivas que crianças ouvintes desenvolvem com base em uma língua oral. A falta de acesso a uma língua natural nos primeiros anos pode resultar em déficits linguísticos que afetam negativamente o desempenho escolar e o desenvolvimento integral do indivíduo surdo. Portanto, um dos principais desafios que tivemos no PIBID interdisciplinar, que aconteceu na escola pública regular na cidade de Apodi/RN, foi garantir a continua aprendizagem das libras para as alunas surdas ao mesmo tempo em que ensinávamos língua portuguesa escrita. Visto que o subprojeto do PIBID era interdisciplinar, contávamos com bolsistas dos cursos de letras libras e letras língua portuguesa para ambos os conjuntos de aprendizagens. Observamos também que a formação de professores é um fator crítico para a educação de surdos. A ausência de programas de formação de professores em metodologias de ensino bilíngue, representa uma lacuna no sistema educacional. A formação adequada desses profissionais deve abranger tanto o conhecimento sobre a cultura surda quanto a metodologia bilíngue, que são componentes essenciais para a efetividade do ensino. Nesse sentido, procuramos utilizar várias estratégias de ensino visual tais como imagens, desenhos, sinais e símbolos ao lado de palavras escritas, vídeos, aplicativos e plataformas que utilizam libras, relato de pequenas histórias da literatura e sua representação visual, para melhorar as condições de aprendizagem das alunas além de nos enriquecer quanto à compreensão sobre as metodologias possíveis de serem utilizadas em sala de aula.

Como dissemos o PIBID foi realizado na cidade de Apodi, em uma escola estadual, que possui duas alunas surdas e as atividades foram voltadas para trabalhar a língua portuguesa e a acessibilidade linguística. O PIBID trouxe avanços na aprendizagem destas alunas através das estratégias e atividades de ensino que utilizamos que buscavam responder às dificuldades de cada aluna de acordo com a sua realidade de compreensão e comunicação. Com estas atividades de ensino pude perceber como as alunas foram aprendendo ao longo do tempo e ao mesmo tempo que identificava as dificuldades de aprendizagem delas (alunas surdas), também percebi as dificuldades que envolviam o trabalho pedagógico da professora intérprete de libras que atuava simultaneamente na condição de professora e de intérprete em sala de aula.

Nosso objetivo geral buscou analisar a aprendizagem da língua portuguesa por alunos surdos, quais são os métodos necessários para a aprendizagem bilíngue e as contribuições do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) nesta forma específica de

aprendizagem. Teve como objetivos específicos: analisar as dificuldades dos alunos surdos em relação à aprendizagem de língua Portuguesa, compreender as estratégias de ensino da modalidade escrita de língua portuguesa e ressaltar como programas como o PIBID podem auxiliar na formação inicial dos futuros professores de língua portuguesa.

Organizamos assim este artigo em três partes: a primeira delas iniciando pela introdução onde apresentamos o problema de pesquisa, os conceitos e metodologia utilizada, a segunda, trata da fundamentação teórica explicando o que é o PIBID e os conceitos de bilinguismo e o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita e a terceira parte apresentamos a metodologia da pesquisa, os procedimentos e os instrumentos de coleta e análise de dados. Concluimos destacando a importância da participação de estudantes de diferentes licenciaturas em programas como este que nos levam a conhecer melhor os desafios da escola pública e dos professores que nela atuam, também nos apresentando alternativas e estratégias de trabalho didático com pessoas surdas, que possuem uma estrutura linguística bem diferente da língua portuguesa e de como podemos ensiná-los.

2 CONCEITOS PRINCIPAIS

A aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita por pessoas surdas está intrinsicamente ligada ao conceito de bilinguismo, particularmente no contexto educacional voltado para a comunidade surda. O bilinguismo para surdos se fundamenta na ideia de que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a primeira língua (L1) desse grupo, enquanto o português escrito ocupa o papel de segunda língua (L2). Essa distinção é essencial, pois a LIBRAS é uma língua visual-espacial, com estrutura gramatical própria, distinta da língua portuguesa, que é baseada em uma modalidade oral-auditiva. Esse contexto exige estratégias didáticas diferenciadas, que considerem as particularidades da aquisição e desenvolvimento linguístico de pessoas surdas. A aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita, portanto, não deve ser vista simplesmente como uma transposição de um código oral para o escrito, mas como um processo de aprendizagem de uma segunda língua, que deve respeitar as especificidades linguísticas, culturais e cognitivas da pessoa surda.

O bilinguismo por sua vez propõe que o desenvolvimento pleno da competência linguística em LIBRAS é crucial para a posterior apropriação da língua portuguesa na forma escrita. Nesse sentido, a fluência em LIBRAS promove o desenvolvimento de habilidades

cognitivas e linguísticas que servem como base para o aprendizado do português. A pessoa surda, ao ser exposta à língua portuguesa escrita em um ambiente educacional bilíngue, passa a compreender suas normas gramaticais e sua estrutura a partir de um referencial linguístico já estabelecido em LIBRAS. Isso demanda estratégias didáticas que utilizem métodos visuais e práticas interativas, como a tradução entre LIBRAS e português escrito, de modo a promover o letramento de forma eficaz.

[...] É verdade, porém, que um indivíduo que aprendeu as duas línguas quando criança no mesmo contexto, provavelmente apresenta uma única representação cognitiva para duas traduções equivalentes. Enquanto que um indivíduo que aprendeu a L2 em um contexto diferenciado da sua L1 pode apresentar representações distintas para duas traduções equivalentes (MEGALE, 2005, p 5).

A ausência de uma abordagem bilíngue adequada pode acarretar dificuldades significativas para pessoas surdas no domínio da língua portuguesa, já que, sem o suporte de uma língua acessível visualmente como a LIBRAS, o acesso ao português torna-se limitado. Portanto, o ensino da língua portuguesa para surdos deve ser mediado por professores bilíngues e em nosso caso, ele foi mediado pela professora interprete de libras da escola estadual na cidade de Apodi/RN onde as duas alunas surdas estudam. Esta mesma professora intérprete atuou como supervisora do PIBID interdisciplinar e as experiências didáticas que trazemos reflete o trabalho que desenvolvemos sob sua supervisão. E antes de aprofundarmos os conceitos de bilinguismo e a aprendizagem da língua portuguesa escrita, trazemos uma breve explicação sobre as finalidades do programa PIBID.

2.1 Programa institucional de bolsas de iniciação à docência

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa de bolsas que busca oportunizar aos alunos de licenciatura, os primeiros contatos com a profissão docente, a sala de aula regular, os alunos e sua maneira de aprender, as dinâmicas e estruturas do funcionamento da comunidade escolar. Através do PIBID os futuros professores podem adquirir experiência sobre o trabalho na sala de aula e a estratégias de aprendizagem que podem ser desenvolvidas com os alunos. As práticas do PIBID são de fundamental importância na nossa formação docente, com ela adquirimos experiência e mais confiança para estar em sala de aula futuramente. Assim como destaca Ambrosetti et al. (2013, p. 161) “[...] desde os primeiros contatos com o universo escolar emergem as tensões e incertezas que marcam a

aproximação entre universidade e escola, e também as descobertas e transformações ao longo do processo.”

Os bolsistas do programa PIBID desenvolvem práticas pedagógicas que contribuem para a formação acadêmica, contribuindo com a educação básica e estabelecendo uma relação de cooperação e de confiança entre as universidades e as escolas de ensino regular, fortalecendo por sua vez escolas e licenciaturas. O PIBID incentiva a formação docente de qualidade, proporcionando experiências inovadoras e criativas possíveis de serem realizadas em escolas reais.

Em nosso subprojeto, a interdisciplinaridade foi a grande marca, permitindo que trabalhassem conjuntamente estudantes dos cursos de letras libras e letras língua portuguesa na UFRSA. Nosso desafio principal era conhecer as dificuldades de aprendizagem das duas alunas surdas que frequentavam a escola estadual e atendê-las melhorando a aprendizagem das duas línguas: a libras e a língua portuguesa na modalidade escrita. Para isto, quinzenalmente íamos à escola supervisionados pela professora intérprete de libras que também era a supervisora do programa, atuando em duas frentes; por um lado, difundíamos e uma parte dos alunos do PIBID ensinava a libras para os colegas que conviviam com as estudantes surdas, e por outro lado, desenvolvíamos a libras e a língua portuguesa das alunas surdas. Atividades tais como colar e espalhar cartazes e sinais em libras nas diferentes dependências da escola, participar de momentos coletivos para toda a comunidade escolar tratando sobre a libras, além de dinamizar o uso da sala do AEE, foram algumas das estratégias didáticas que utilizamos com esta finalidade. Assim como destaca Mantoan:

Ambientes humanos de convivência e aprendizado são plurais pela própria natureza e, por isso, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno – segundo suas capacidades e seus talentos – e de um ensino participativo, solidário, acolhedor (MANTOAN, 2015, p. 16).

Assim percebemos a necessidade de estudar e de aprofundar o conceito de bilinguismo no par linguístico libras/língua portuguesa, visto que nossas ações didáticas na escola não seriam apenas sobre gramática, normas gramaticais, literatura ou qualquer outro assunto sugerido pelos livros didáticos em uso naquele momento. Nosso material didático precisaria abordar o uso da língua portuguesa escrita acompanhado de língua de sinais para que as alunas surdas de fato aprendessem segundo os princípios gerais do bilinguismo que já introduzimos e aprofundamos brevemente no tópico a seguir.

2.2 Bilinguismo libras/língua portuguesa

Como sabemos a escola é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem de todos, é onde podemos aprimorar os nossos conhecimentos e nossa sociabilidade. O acesso à escola é direito de todo indivíduo, até mesmo para aqueles que não tiveram oportunidades para frequentar a escola ou que por algum motivo, tiveram que interromper seus estudos. Lugar onde se aprende sobre as percepções do mundo, seus direitos e deveres. Onde podemos compartilhar nossas experiências, saberes e vivências, mesmo que muitos ainda não se sintam incluídos na escola necessitando de legislação específica e geral que obrigue a todos nós e as instituições a acolhermos e ensinarmos com dignidade a cada um.

Hoje, a Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) garante, a todo cidadão brasileiro, o direito à educação pública, o acesso e permanência na escola. O Art. 4º determina que “o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1996). A gratuidade e a obrigatoriedade da educação pública motivam reflexões sobre o papel da escola e seu significado para a vida do aluno (PINTO, 2011, p. 13).

Para muitos alunos, mesmo que exista legislação que garanta o acesso de todos à escola, muitos, sobretudo aqueles que possuem deficiência ou pertencem a comunidades linguísticas distintas como as pessoas surdas, não se sentem acolhidos ou ensinados pela escola, revelando ainda as dificuldades que possuímos em organizar e formar nossas escolas para atenderem a todos, permitindo desta forma, que a rejeição, a exclusão e o sentimento de incapacidade ainda existam em muitos desses alunos que se sentem excluídos.

Por isso que é bastante necessário a inclusão dos alunos em sala de aula, trazer os alunos para as atividades, para que assim a escola se torne um ambiente acolhedor, e os alunos possam, independentemente de suas diferenças ter um ensino de qualidade, fazendo com que não se sintam excluídos e desvalorizados. Assim como diz Mantoan: " O objetivo da integração é inserir um aluno, ou um grupo de alunos, que foi anteriormente excluído. O mote da inclusão, ao contrário, é o de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde começo da vida escolar"(2015, p. 28).

O processo de adaptação do aluno surdo no espaço escolar não é fácil, visto que muitas escolas ainda não conseguem oferecer o ensino das libras, ou pelos menos a adaptação linguística necessária para receber alunos surdos. Em geral os intérpretes de libras garantem a acessibilidade linguística dentro da sala de aula, mas com o tempo sentem-se sobrecarregados

por precisarem interpretar diferentes disciplinas sozinhos, sem acesso ao material com antecedência ou a colaboração dos professores que ensinam a estes alunos. Interpretar apenas não garante a aprendizagem. Muitas palavras e conceitos interpretados são desconhecidos absolutos dos alunos surdos, que inúmeras vezes também não são fluentes em libras, por conviverem em famílias que não sabem libras ou por não frequentarem espaços de convivência com outros surdos. Apenas quando socializado primeiro na língua de sinais é que o aluno surdo consegue compreender melhor a língua portuguesa. Esta distância de convivência e difusão das libras possui uma longa história social.

Por muito tempo utilizar libras foi algo proibido, a aprendizagem dos alunos surdos dava-se, basicamente, por meio da linguagem orofacial, por acreditarem que se utilizassem a língua de sinais poderiam atrapalhar no desenvolvimento de fala dos surdos, o que ocasionava que muitos alunos não acompanhavam os assuntos ministrados em sala de aula pelos professores.

Por quase cem anos os surdos foram obrigados a se comunicar exclusivamente por meio da Língua Portuguesa na modalidade oral e da audição ou da leitura orofacial. Os sinais eram proibidos porque se acreditava que o seu uso pudesse prejudicar o desenvolvimento da fala (PEREIRA, 2014, p. 145).

Na década de 1980 através das reivindicações dos surdos para que sua língua, que é a língua de sinais, fosse reconhecida, foi concebida a língua de sinais na educação dos surdos, com isso os surdos puderam utilizar as duas línguas, tanto a língua de sinais como a língua portuguesa, sendo assim reconhecida o bilinguismo como modalidade fundamental na aprendizagem de pessoas surdas. O bilinguismo é a utilização das duas línguas, primeiro na educação dos surdos a língua de sinais como primeira língua, e a língua portuguesa como segunda língua.

O bilinguismo defende o uso de duas línguas na educação dos surdos: a língua de sinais como primeira língua, e a língua majoritária (a Língua Portuguesa, no caso dos surdos brasileiros), como segunda língua. No Brasil, o direito dos alunos surdos a uma educação que contemple as duas línguas – a Brasileira de Sinais e a Portuguesa – é garantido pelo Decreto no 5.626, de dezembro de 2005 (PEREIRA, 2014, p. 147).

As escolas bilíngues devem apresentar assuntos que possam despertar o interesse dos alunos surdos e não apenas atividades que sirvam apenas para memorizar ou decorar, como por exemplo, utilizar a leitura e a escrita que geram maior dificuldade de aprendizado para uma criança que nunca teve contato com este estilo de comunicação. Recomenda-se que as escolas utilizem recursos visuais quando se trata de ensino-aprendizagem de pessoas surdas, a fim de

garantir a compreensão e a interação dos alunos surdos em sala de aula, podendo ter a participação tanto dos alunos ouvintes quanto dos alunos surdos.

A educação bilíngue para surdos se efetiva em uma proposta que, além de priorizar o uso da língua de sinais como primeira língua de instrução e a língua portuguesa como segunda língua, traz para o ambiente escolar a liberdade de emergirem culturas e identidades. Pressupõe rupturas de práticas homogeneizadoras de alfabetização tradicional baseada em pressupostos fonema-grafema, respeito a formas diferenciadas de interação e aprendizagem que privilegiam a cultura visual, com a presença de profissionais proficientes, atuantes na comunidade surda e com todas as competências necessárias para sua práxis (PEREIRA, 2011, p. 57).

É importante ressaltar que é necessário priorizar o uso da língua de sinais como principal meio de ensino juntamente com a língua portuguesa como L2, assim valorizando a cultura surda em seu ambiente escolar e promovendo métodos que reconheçam a sua cultura visual; e para isso a escola necessita de profissionais capacitados da comunidade surda, que possuam conhecimentos necessários para desempenhar um papel eficaz na educação. Como Libâneo ressalta:

[...] Entendendo que a democratização do ensino passa pela sua formação, sua valorização profissional, suas condições de trabalho, pesquisas e experiências inovadoras têm apontado para a importância do investimento no desenvolvimento profissional dos professores. O desenvolvimento profissional envolve formação inicial e contínua articuladas a um processo de valorização identitária e profissional dos professores (LIBÂNEO, 1999, p. 260).

Sendo assim, é de grande importância que os profissionais busquem qualificações em áreas distintas, para o seu desenvolvimento profissional e para que as escolas contem com profissionais que exerçam seu papel com maestria.

2.3 Importância do aprendizado da língua portuguesa

Como vimos anteriormente os surdos possuem a sua própria língua, que é a língua de sinais, mas eles também precisam entender e aprender a língua portuguesa, sabendo que a leitura e a escrita são essenciais na escola e em nossa vida. É bastante comum nos depararmos com pessoas surdas que ainda não concluíram a educação básica porque muitas vezes o currículo escolar não apresentou os recursos necessários para o ensino de língua portuguesa para surdos pudesse ser oferecido e sem a aprendizagem adequada da língua portuguesa, esses alunos também não conseguem aprender as demais disciplinas e conteúdos escolares.

O PIBID nas escolas regulares possui também o objetivo de elaborar materiais didáticos que ajudem no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de alunos surdos. Materiais adaptados que levem em consideração as dificuldades de cada um, buscando estratégias que também possam auxiliar o professor, promovendo atividades práticas como autobiografia, árvore genealógica, construção de frases, utilização da literatura para construir textos, e que são atividades que engajam o interesse dos alunos surdos e os fazem aprender melhor, visto que consideramos o funcionamento da primeira língua e oferecemos alternativas de assimilação da segunda língua.

A aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita por pessoas surdas apresenta características particulares devido à diferença na modalidade linguística primária desses indivíduos. Ao contrário dos ouvintes, cuja língua materna é adquirida naturalmente através da interação auditiva, as pessoas surdas têm a libras como sua primeira língua, que é visual-espacial. Isso significa que para os surdos a língua portuguesa escrita é aprendida como uma segunda língua (L2) o que impõe desafios específicos. A estrutura gramatical das libras, assim como suas formas de expressão, difere significativamente das línguas orais-auditivas como o português. O aprendizado do português escrito requer a mediação de estratégias que levem em consideração essas diferenças estruturais e ofereçam recursos visuais e metodologias adequadas, como a interpretação, o uso de imagens, vídeos, aplicativos e plataforma que explorem a linguagem visual e de preferência em libras.

Com o passar do tempo e das atividades desenvolvidas com as alunas surdas na escola percebemos que o letramento em português ampliou as oportunidades educacionais, permitindo que as alunas surdas participassem das atividades escolares de forma mais autônoma e tivessem acesso a materiais didáticos que, muitas vezes, estava disponível apenas na língua portuguesa escrita. A seguir descrevemos como realizamos as entrevistas e seguimos com as análises destas entrevistas.

3 Metodologia da pesquisa

Nossa pesquisa tem natureza qualitativa é de caráter descritivo onde coletamos dados por meio de entrevista. As entrevistas foram estruturadas e realizadas com duas pessoas: a professora intérprete de libras e uma das alunas surdas que frequenta a escola na qual atuamos. A realização de apenas uma entrevista com uma das alunas, deu-se por motivo exterior à nossa

vontade. Uma das alunas surdas contactada não respondeu nossas mensagens e apelo à participação. Assim, trazemos apenas estas duas entrevistas como material de análise do ensino de língua portuguesa a pessoas surdas na escola regular, a entrevista com a professora intérprete de libras e a uma das estudantes surdas que está no ensino médio. As perguntas da entrevista foram enviadas com antecedência para cada uma e realizadas através do google Meet. Em seguida as transcrevemos e as analisamos à luz de nosso referencial teórico. Antes de prosseguirmos, delimitamos os conceitos de pesquisa qualitativa e entrevista do qual partimos.

A pesquisa qualitativa é uma pesquisa que explora as experiências e as interações dos participantes, assim como destaca Flick (2007, p. ix Apud Paiva, 2019, p. 13) “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas.” A entrevista é um diálogo que acontece entre duas pessoas, com o intuito de obter informações ou coletar dados sobre determinados assuntos, assim como destaca Gil (2008, p. 109 Apud Pietrobom, 2022, p. 12) “[...] A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra apresenta como fonte de informação.”

As ações pedagógicas do PIBID foram realizadas ao longo de onze meses, tendo executado atividades didáticas que desenvolveram a leitura e a escrita, além de textos curtos que associaram palavra, imagens e libras. As atividades aconteceram no AEE (Atendimento Educacional Especializado), e as atividades eram adaptadas para que pudessem atender às dificuldades e/ou lacunas de aprendizagem de cada uma das alunas surdas. Também foram promovidas atividades gerais sobre a língua de sinais e cultura surda para as turmas das alunas e para a comunidade escolar, sempre que possível. O PIBID interdisciplinar do núcleo de Apodi-RN contou com oito bolsistas, tendo três bolsistas graduandos de língua portuguesa e cinco bolsistas graduandos em letras libras. As atividades presenciais eram realizadas quinzenalmente, acompanhadas também das reuniões online semanais. A supervisora que acompanhou o PIBID é graduada em letras libras, possui mestrado em ensino e atua na educação básica como professora intérprete de libras desde 2019. As alunas surdas desenvolveram suas atividades com muita dedicação, apesar de terem algumas dificuldades em língua portuguesa.

A análise das entrevistas segue logo abaixo e procuram compreender tanto da professora quanto da aluna quais as facilidades e as dificuldades encontradas no ensino e na aprendizagem de língua portuguesa escrita por pessoas surdas, além das contribuições gerais que o programa pode proporcionar na escola pública.

3. 1 Análise das entrevistas

As entrevistas foram realizadas pelo aplicativo google Meet. Estiveram presentes no horário da entrevista a professora intérprete de libras que aqui denominamos de Rosa, e a aluna surda que denominamos de Ana, para resguardar a identidade de ambas. Fizemos algumas perguntas sobre como o PIBID influenciou na aprendizagem da aluna e de que forma ele contribuiu para isso. Também perguntamos sobre a aprendizagem de língua portuguesa como L2. Vale lembrar que na escola estudam duas alunas surdas, que eram atendidas pelo PIBID interdisciplinar, mas apenas uma aceitou participar da entrevista.

A professora de libras trabalha de modo efetivo desde 2019 na rede de educação básica, mas informou que desde o terceiro período na faculdade trabalha diretamente com a educação dos surdos, seja como intérprete ou professora. Reside na cidade de Apodi e atualmente ensina na Escola Estadual Professor Antônio Dantas. A aluna surda entrevistada tem 16 anos, é moradora da cidade de Apodi, estudou todo o ensino fundamental na Escola Sebastião Gurgel, e atualmente estuda o ensino médio na Escola Professor Antônio Dantas.

A entrevista deu início com perguntas direcionadas à aluna sobre dificuldades ou facilidades que envolvem o aprendizado da língua portuguesa e em seguida entrevistamos a professora. As perguntas direcionadas à professora dizem respeito ao papel que desempenhou o PIBID durante sua execução na escola e sua possível contribuição no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa escrita para pessoas surdas. A análise das entrevistas está intercalada entre as respostas da professora e da aluna. Sobre as primeiras dificuldades com a língua portuguesa a aluna comenta:

Eu acho mais difícil o texto. Eu acho difícil o português e os textos principalmente. Os muitos detalhes, textos bem detalhados. Eu acho que é um exemplo de literatura. Sim, de literatura, que nas aulas eu percebo. E no primeiro ano eu comecei a ter contato com esses textos principalmente. Nas provas, também.

A professora ressalta a dificuldade que a aluna tinha de aprender língua portuguesa escrita, o medo de se comunicar com outras pessoas até mesmo pelo WhatsApp, já que o aprendizado para surdos em língua portuguesa deveria vir desde o início da educação básica, na alfabetização, e que infelizmente as escolas não contam com este ensino-aprendizagem desde o início. A falta de informações e acessibilidade nas escolas de educação básica,

dificultam o aprendizado dos alunos, que geram obstáculos para aprender assuntos futuros.

Assim como Madeira destaca:

A criança surda pode adquirir a Língua Portuguesa como segunda língua desde a alfabetização, pelo acesso às representações gráficas da LP através do processo psicolinguístico e também de aspectos culturais da sociedade, decodificados através da leitura. Esse processo de ensino tornar-se-á possível e eficaz, se utilizarmos a L1 do surdo - a LIBRAS, como um caminho para o ensino da L2, a Língua Portuguesa (MADEIRA, 2018, p.11).

Não ter a libras inserida desde o início gera um grande problema não apenas para aprender a língua portuguesa, como também as demais disciplinas.

Sim, é a maior dificuldade do surdo, porque tudo depende da forma... a base, a alfabetização. E a alfabetização dos surdos, infelizmente, ainda anda longe do que era ideal. Então elas no ensino médio, no ensino fundamental, elas tinham realmente medo. Medo de receber uma prova em português, não ter um intérprete, de participar de um grupo de WhatsApp e alguém perguntar alguma coisa e ela não saber responder. E de ter acesso a informações, né? Sejam em redes sociais, sejam de conteúdos mais acadêmicos. Eu percebi que elas tinham muito medo em relação a isso. E que, por eu ser intérprete, como é que eu poderia parar uma interpretação para ensinar um português desde a base, né? Uma alfabetização. Então, não tinha como encaixar. Isso aconteceu realmente através do PIBID.

Ela também afirma que apesar de atuar como intérprete muitas vezes precisa adequar conteúdo, ou seja, interromper a tradução para tratar conceitos linguísticos nos quais ela não está adaptada para isso. Fazer todo um contexto, contextualizar sinais juntamente com os professores para que essas dificuldades que existem em sala de aula sejam diminuídas, e que a aluna entenda o conteúdo que está sendo passado em sala de aula, então existe essa preocupação de como esse assunto vai ser repassado, e com o PIBID ela conseguiu adaptar. Como ela diz:

A parte de ensinar libras, ela se apresenta de forma muito complicada, porque hoje nós não temos uma disciplina de libras na grade curricular. E o que acontece? O meu cargo, ele é professor-intérprete, mas a depender das demandas, eu tenho que prezar por ser intérprete. E o trabalho do intérprete é totalmente diferente do trabalho de professor. É totalmente diferente do trabalho de professor. E o que acontece? Na sala de aula, para que eu consiga interpretar e a aluna consiga entender, né? Ter essa questão de códigos. Ela precisa aprender libras. Ana, eu já acompanho ela desde o fundamental. Ela já foi para a escola com essa aprendizagem em libras. Eu continuo estudando muito durante as aulas. Eu consigo interpretar e ao mesmo tempo ensinar, porque em algumas disciplinas, principalmente no ensino médio, que é algo totalmente novo para ela, eu tenho que estudar bastante. Então, a parte do ensino de libras, atualmente, ela está acontecendo no meu momento de interpretação. Às vezes eu paro de interpretar para poder ensinar algo novo para Ana, contextualizar, porque não adianta eu ter um código, um sinal, ela não conseguiu entender e a maior dificuldade hoje em termos de estado né que eu trabalho no estado é que nós não temos uma disciplina para libras e por não termos essa disciplina, acaba que esse ensino

acontece somente no horário da aula, sendo que o professor está lá também ministrando a disciplina dele. E não acontece esse ensino de forma regular no AEE, só aconteceu através do PIBID, por isso que foi uma excelente oportunidade, nós conseguimos nos adaptar, né? Conversamos com a escola em termos de instituição para que a coordenação conseguisse adequar alguns horários cedidos pelos professores, mas, de modo geral, esses alunos surdos não têm acesso ao ensino de libras. Eles têm a interpretação, e no momento da interpretação acontece esse ensino, mas não de forma regular e como tem que ser, no espaço destinado.

Desde o seu ensino fundamental que a aluna tem dificuldades, até mesmo para aprender a libras, por não ter esse acesso na escola desde o início da escolarização, que defasam o aprendizado, o que gera a dependência de sempre precisar da ajuda de alguém para entender os diferentes contextos. Sendo assim, foi perguntado à aluna se ela tinha dificuldade em língua portuguesa antes do PIBID. Veja a resposta: “Sim, antes, principalmente, né? No ensino fundamental, quando era criança, o português eu não conseguia escrever nada, era sempre com a ajuda de alguém, até mesmo para libras.”

Outro ponto importante que podemos destacar é que além da aluna já ter dificuldades com a língua portuguesa, também ter receio em alguns temas específicos, que ela mesma já citou, como a literatura. O medo de errar as palavras cria essa barreira no processo de aprendizagem. Trazer temas como os da literatura era algo que trazia muito medo associado, por serem textos mais elaborados e longos, que tem uma forma de escrita mais elaborada, e muitas palavras desconhecidas para a aluna. Com as estratégias de ensino do PIBID interdisciplinar, estratégias como a autobiografia, trazer a literatura para a leitura de pequenos textos, construção de frases. Percebe-se que a aluna conquistou mais autonomia e confiança para pesquisar, demonstra mais interesse em conhecer novas palavras, construir frases, superando as dificuldades iniciais que causavam medo e estavam tão presentes. Sobre isto destacamos a fala da professora intérprete:

Principalmente literatura. Eu acho que foi mais uma resistência. Quando ela não conseguia interpretar pequenas frases no WhatsApp... Então, quando chegava um texto, chegava uma fábula. Ela já tinha resistência de nem querer olhar. Hoje, não. Ela já pega o texto. Com o texto circulam as palavras, as frases que ela consegue construir. Vai usando alguns elementos. Não conhece uma palavra? Vai lá no Google procurar... no dicionário alguma coisa. Então, eu percebo que na parte de literatura era muito difícil e também na parte de comunicações diárias, né? No WhatsApp, esse contato com os ouvintes era algo que elas tinham muita resistência. E que a partir dessas práticas, elas vão também construindo letramentos, né? Vão aprendendo novas palavras, vão se abrindo realmente para... para o mundo, para a autonomia e vão aprendendo novos contextos e assim melhorando também a escrita delas.

A aluna também menciona que antes possuía dificuldade em tudo, principalmente quando precisava sair para comprar algo que era necessário ler em português, e quando ela

relata isso, vemos o quanto pode ser difícil para pessoas surdas que não tem o acesso a língua portuguesa, seja ela para comunicação com outras pessoas ou para ter acesso ao conhecimento escolar, quanto a dificuldade não se resume apenas à escola, estão presentes em sala de aula e também fora dela. E assim a aluna comenta: “Até em casa mesmo, tudo antes eu era muito dependente de sair somente com minha mãe para ver algumas coisas em português.”

Podemos ressaltar o quanto o PIBID pode ser importante para ter esse auxílio em sala de aula e como ele atua em conjunto com o professor intérprete em sala de aula. E essas aulas que aconteciam do PIBID eram alternativas para solucionar alguns problemas da aluna em sala de aula e fora dela, sejam na escrita ou na leitura ou ainda auxiliar a perder o medo de se comunicar com outras pessoas, melhorando a comunicação e tendo mais autonomia. Assim como a professora comenta:

Ah! elas conseguiram realmente terem mais autonomia. A palavra que eu uso mais para o PIBID, português para surdo é autonomia. Lembro que no início do PIBID nós fizemos até um grupo para que elas participassem e que dificilmente elas falavam, além de você conseguir perceber uma vergonha. E depois do PIBID, depois do movimento total do PIBID, quando eu falo que elas perderam o medo em português, também foi porque dentro da comunidade que elas convivem, algumas pessoas aprenderam libras. Então, elas se sentiram mais confortáveis e... Na questão da participação no grupo de WhatsApp da escola, dos alunos, no momento das atividades em sala de aula, de procurarem realmente não responderem mais em livros, mas em português, mesmo com o auxílio do intérprete. E foi dessa forma que eu percebi a autonomia das alunas e aquela quebrando o medo. No popular, elas perderam o medo de ter esse contato com o português. Isso é primordial até para aprendizagens futuras.

E essa afirmação também pode ser confirmada pela fala da aluna que enfatiza a confiança em hoje poder escrever e ler textos onde antes existia uma barreira para isso. E com as atividades desenvolvidas pelo PIBID ajudou a desenvolver confiança para responder provas, trabalhos. Como ela afirma, o PIBID também ajudou diretamente o acesso a outros recursos como por exemplo, recursos tecnológicos para fazer pesquisas. Apesar de ainda possuir uma certa dificuldade em textos mais longos, que são textos que temos que ter uma habilidade maior, podemos ver o progresso na aprendizagem de língua portuguesa da aluna.

Sim, melhorou a escrita hoje, atualmente. É, ano passado eu achava muito difícil antes de o PIBID, para fazer provas em português. Eu achava bem mais difícil. E agora eu dei uma melhorada. Eu consigo ver. Porque a questão das provas, né? No primeiro ano ela tinha muito medo. Ficava muito ansiosa para fazer as provas antes das aulas. E agora ela já consegue. Já... Diz que já é mais tranquilo. No computador também, ela diz que consegue ver. Só a questão de textos mais longos, que são mais complicados.

O trabalho do PIBID não apenas auxiliou as alunas surdas, como também foi um grande apoio para a professora intérprete, pois como citado anteriormente, ela precisava parar a aula para explicar contextos mais detalhados e com o PIBID isso pode ser adaptado nas aulas do AEE. Trazendo atividades que ajudaram no aprendizado da aluna; tiravam dúvidas e ajudaram a perder o medo de assuntos que eram considerados extremamente difíceis. A professora intérprete afirma:

Sim, eu respondi um pouco disso na questão passada. Por as meninas não saberem o português, terem muita dificuldade, e até mesmo os alunos ouvintes não saberem a libras, alunos que convivem diariamente com as alunas surdas, eu tinha muita dificuldade, porque no intervalo, para ter o contato com as meninas, para elas conversarem com os colegas, eu tinha que estar naquele momento, eu tirava um pouco da autonomia do surdo e depois do PIBID que eu percebi, as alunas surdas participam mais dos eventos da escola, inclusive de grupos de WhatsApp em que precisa da escrita. Então, eu percebo isso e percebo também uma maior participação e, de fato, a inclusão existindo na escola. As meninas já conseguem ficar no intervalo, elas não ficam mais me chamando direto para interpretar comunicações simples, e às vezes são até pessoais porque alguns alunos da sala já se comunicam em libras. Então essa parte do PIBID me mostrou mais autonomia para o surdo e dessa forma também o maior entendimento no momento que eu estou interpretando. Então foi um trabalho que contribuiu muito com o meu papel de intérprete.

Saber apenas libras não é necessário para a comunicação do surdo, é necessário que seja desenvolvido outras formas para poderem se comunicar em grupos. Por isso conhecer e aprender a língua portuguesa como segunda língua é indispensável, para que possam desenvolver novas habilidade linguísticas, onde a libras é desconhecida ou onde não é utilizada, e poder facilitar a comunicação em sociedade, seja ela na escola, no trabalho e vários outros locais. É notório que libras e língua portuguesa devem estar em conjunto, sempre respeitando a libras que é uma língua rica, como primeira língua dos surdos. Diante disso foi perguntado a aluna se ela achava que era necessário aprender língua portuguesa ou só a libras era necessária. Essa foi a resposta da aluna:

Não, o surdo precisa aprender os dois. Porque se aprender separadamente, como é que ele vai entender as várias palavras para se comunicar, principalmente com os ouvintes que não sabem libras? Nós usamos o português para escrever uma palavra e mostrar.

O bilinguismo entre a libras e a língua portuguesa é uma forma também de inclusão e de busca por autonomia. Sabemos que a língua de sinais é uma língua visual, espacial e esses contextos foram utilizados nas aulas do PIBID, sempre trazendo imagens, textos, alguns vídeos em libras, para que as alunas perdessem o medo e aprendessem mais alguns contextos que estão presentes no cotidiano, para que possam ter uma melhor comunicação. A língua portuguesa por sua vez permite que os alunos surdos aprendam a escrever e ter mais acesso ao conhecimento, como podemos ver na fala de Pereira (2011.a apud Pereira, 2014, p.146) “[...] em outras

palavras, o conhecimento de mundo e de língua elaborado na Língua Brasileira de Sinais permitirá que os alunos surdos vivenciem práticas sociais que envolvem a escrita e, deste modo, constituam o conhecimento da Língua Portuguesa”. Assim como destaca a professora em sua fala quando foi perguntado se houve algum progresso na aprendizagem:

Tanto na questão de autonomia, que é o que eu venho mais focando, porque a gente fala muito inclusão, mas a inclusão, se você não der autonomia para o aluno, será que está tendo inclusão de fato? Porque adiantava elas saberem em libras e elas não conseguirem se comunicar com ninguém na sala? Ou até mesmo elas aprenderem português e ficassem ainda com medo sem participação na sala de aula ou respondendo alguma questão em português? Então, essa questão da autonomia, ela é muito importante na inclusão, ela é a base, né? E mesmo diante das dificuldades que elas ainda possuem em português, pelo menos a aluna que eu acompanho, eu percebo que depois do PIBID realmente ela conseguiu responder mais questões em português, a questão da leitura de pequenos textos melhorou muito, até mesmo na rua, né, a questão de coisas simples para ouvintes, mas que para o surdo são desafios, de placas, de sinalização, de medicação, do desejo de comprar algum objeto, ela usa aquela palavra, ela vai pesquisar, isso é muito bom, porque é autonomia para o aluno, dentro e fora da escola.

Algumas atividades que foram realizadas pelo PIBID como a utilização de textos pequenos e grandes, palavras soltas para formar frases, autobiografia usando informações do RG e árvore genealógica. Todas essas estratégias citadas, foram utilizadas para que as alunas pudessem conhecer coisas que oferecessem mais autonomia e confiança, trazendo contextos simples para que fossem utilizados fora de sala de aula sem nenhum medo. Diante disso foi perguntado à aluna sobre quais atividades ajudaram a entender melhor a língua portuguesa e ela destaca:

Sim. Ela disse que a atividade que ela gostou mais foi uma que vocês utilizaram as imagens e elas tinham que procurar o texto em português. Eu acho que era das características das pessoas. As que usavam mais imagens para compor o texto.

A professora também destaca quais atividades foram mais importantes e com a fala dela percebe-se que as alunas tiveram melhor desempenho no desenvolvimento pessoal, gerando mais segurança com a língua portuguesa, sobretudo quando utilizamos no PIBID atividades com imagens, oferecendo também mais compreensão sobre a estrutura da língua.

É... todo o planejamento das aulas de português eram, eles aconteciam simultaneamente ao desenvolvimento das alunas, mas eu acho que a grande sacada foi o momento que nós conseguimos virar a chave, foi quando nós começamos a trabalhar com pequenos textos, com a construção de literatura, de autobiografia, porque elas conseguiram escrever sobre a própria vida, conseguiram aprender vários vocabulários naquele contexto e conseguiram também ver a questão da estrutura, da língua portuguesa que é diferente da libras. Então eu vi um grande avanço nas atividades em que nós conseguimos trabalhar com imagem, texto e construções. Porque as próprias alunas elas iam identificando alguns erros que antes elas não conseguiam nem fazer essa leitura e conseguiram também perder o medo da língua portuguesa. Ana que eu já venho acompanhando ela há bastante tempo, ela não construía frases pequeninhas em libras, ela não construía. E hoje ela consegue.

Quando eu vou sinalizar alguma resposta que ela pede, né? Ela faz em libras, aí eu faço a versão voz, ou quando o professor fala em português, eu faço a versão em libras. Em alguns contextos ela já consegue escrever sozinha algumas palavras né, então é isso que é importante, porque ela tanto avançou nas libras quanto ela avançou no português, já que em todas as atividades de ensino para português para surdos nós usamos as duas línguas, a base que a língua é delas né, que elas usam a L1 que a libras, junto com a segunda língua que é o português. Então a gente conseguiu perceber esses avanços nesse momento.

A professora menciona que a maior dificuldade no ensino de libras reside na ausência de uma disciplina específica de libras no currículo escolar. Essa lacuna é problemática, pois o ensino de uma língua deve ter um espaço regular e planejado, com objetivos claros e progressão de conteúdos, algo que não ocorre de forma sistemática. Como ela mesma comenta na entrevista: “porque hoje nós não temos uma disciplina de libras na grade curricular. E o que acontece? O meu cargo, ele é professor-intérprete, mas a depender das demandas, eu tenho que prezar por ser intérprete.” Esse ponto é fundamental pois a falta de uma estrutura curricular dedicada ao ensino de libras impede o desenvolvimento contínuo das habilidades linguísticas dos alunos surdos, o que compromete não apenas a aquisição da língua portuguesa, como também sua interação com o conteúdo das demais disciplinas. Assim completa Avancini (2014):

Uma escola que, de fato, no dia a dia da sala de aula, reconheça e potencialize capacidades e talentos e que seja capaz de flexibilizar metodologias de ensino e avaliações de modo a dar visibilidade e a valorizar a diferença (Avancini, 2024, n.p.).

Neste sentido, concluímos nossas atividades didáticas no programa constatando não apenas a importância que programas formativos como o PIBID possuem para a escola, para o professor supervisor, os alunos objeto do PIBID e os bolsistas das licenciaturas, como nos permite compreender as lacunas curriculares e pedagógicas que a escola e os professores enfrentam e que talvez possivelmente também nós, futuros professores, ainda enfrentaremos. Iniciar conhecendo de perto todos estes contextos, sem dúvida revelou-se uma grande vantagem formativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a intenção dessa pesquisa concentrou esforços no sentido de analisar as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ensino de língua portuguesa a pessoas surdas em escola regular, especificamente na Escola Estadual Professor Antônio Dantas, na cidade de Apodi-RN. Nesta escola onde desenvolvemos o PIBID

interdisciplinar haviam duas alunas surdas, o que nos permitiu utilizar estratégias didáticas em língua portuguesa e libras, com a finalidade de apoiar o processo de ensino-aprendizagem da aluna usuária de libras.

Na pesquisa prática nós entrevistamos a professora intérprete de libras e uma das alunas com a finalidade de compreender o processo de aprendizado bilingue, as dificuldades e as possibilidades desta forma de ensino. Ambas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. A partir das análises das entrevistas, concluímos sobre a importância da diversificação de estratégias de ensino e da relevância de programas como o PIBID para a escola, além de nossa própria formação. Utilizamos como referencial teórico Pereira (2014), Pinto(2011), Ambrosetti et al. (2013) através dos conceitos de bilinguismo e aprendizado em língua portuguesa na modalidade escrita, como também definimos o que é o programa PIBID.

O Bilinguismo é essa ponte que se faz entre a libras e a língua portuguesa, assim como já foi falado, pessoas ouvintes tem a sua língua própria que é a língua portuguesa, e os surdos tem a sua língua própria ou primeira língua, a língua de sinais, então pessoas surdas utilizam da língua portuguesa como L2, por isso é necessário que alunos surdos conheçam as práticas da língua portuguesa, como a escrita, a leitura, o que caracterizamos como acessibilidade linguística. Através do conhecimento adquirido em língua portuguesa escrita, as pessoas surdas garantem maior autonomia na leitura, na escrita de pequenos e de grandes textos, crescendo também do ponto de vista do pensamento e da cognição. O bilinguismo não é uma forma apenas de inclusão, é também uma possibilidade para ampliar a comunicação, a interação e a sociabilidade entre comunidade surda e comunidade ouvinte, auxiliando na perda do medo em interagir com pessoas não usuárias de libras. Este ganho na autonomia individual também foi destacado pelas entrevistadas.

O PIBID também se mostrou como um grande apoio para os discentes que ainda estão em formação, que ainda tem medo da sala de aula, oportunizando mais experiência e ajudando a superar seus próprios desafios. Ter esse contato com a sala de aula, com os alunos, traz uma experiência enriquecedora e cheia de conhecimentos, que nos ensina a buscar uma educação inclusiva dentro e fora da sala de aula. O programa serviu-nos de apoio e formação trazendo-nos maior conhecimento e segurança pedagógica. Através de programas como estes, escolas, professores, professores intérpretes, podem ser auxiliados desde o planejamento até a execução da atividade por bolsistas disponíveis para criar e aprender. Daí a importância de que o programa cresça e aumente o número de participantes e de pessoas beneficiadas. Diante disso, concluímos recomendando aos professores de língua portuguesa que não são fluentes na língua

brasileira de sinais que possam se interessar pelas libras, conhecendo seu funcionamento e sua estrutura linguística, visto que este aprendizado melhora o desempenho dos professores em sala de aula e garante uma aprendizagem cada vez mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, Neusa Banhara et al. Contribuições do Pibid para a formação inicial de professores. **Educação em perspectiva**, v. 4, n. 1, 2013
- AVANCINI, Marta. **Educação inclusiva na Conae: desigualdades e diferenças na ordem do dia**. Diversa, 9 abr. 2024. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/educacao-inclusiva-na-conae-2024-desigualdades-e-diferencas-na-ordem-do-dia/#:~:text=Nessa%20perspectiva%2C%20a%20Conae%202024,e%20a%20equidade%20%C3%A0%20participa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 out. 2024.
- LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & sociedade**, v. 20, p. 239-277, 1999.
- MADEIRA, Fabiana Ferreira Braga. A importância do ensino bilíngue para surdos através do percurso educacional. **Revista de Letras da Rural**, v. 3, n. 8, 2018.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. Summus Editorial, 2015.
- MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue—discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem—ReVEL**, v. 3, n. 5, p. 1-13, 2005.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. **São Paulo: Parábola**, v. 157, 2019.
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em revista**, n. numeroesp02, p. 143-157, 2014.
- PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. **A Pesquisa em Educação: Conceitos, Métodos e o Projeto de Pesquisa**. 2022
- PINTO, Veridiane. Ensino de língua portuguesa para surdos: percepções de professores sobre adaptação curricular em escolas inclusivas. **Santa Catarina: UNIVALI**, 2011.
- SIQUEIRA, Ellen Cristina Gerner; HÜBNER, Lilian Cristine; WILSON, Maximiliano Agustin. A leitura de palavras no bilinguismo sob o viés do modelo de dupla-rota: uma revisão sistemática. **Letrônica**, v. 10, n. 2, p. 730-742, 2017.